

STALIANO Pamela¹

SOUZA, Ana Beatriz Ayala²

ARRUDA, Cleverton do Carmo³

DANTAS, Mariani da Silva⁴

RESUMO: O presente trabalho é fruto de discussões da ação de ensino denominada PrETeando orientado a debater temas sobre Psicologia Preta e antirracista, Gênero e Raça, no Programa de Educação Tutorial (PET) Psicologia: Conexão de Saberes, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Os debates ocorreram na modalidade presencial, ao longo do primeiro semestre letivo de 2024, apoiados em recursos audiovisuais e textos científicos para embasar seus encontros. Este texto centraliza-se na análise do filme "Estrelas Além do Tempo" à luz da perspectiva de Lélia Gonzalez sobre interseccionalidade. Os resultados destacam a importância dos debates sobre racismo e colonialismo na desconstrução de práticas tradicionais e na promoção de uma formação universitária que valorize a diversidade e a igualdade racial. Os achados enfatizam a necessidade de educação inclusiva e políticas afirmativas para construir uma sociedade mais justa e equitativa, fundamentando futuras práticas profissionais na psicologia antirracista e decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade; Antirracismo; Psicologia; Ensino; Empoderamento.

PRETEANDO: REFLEXIONES SOBRE LA INTERSECCIONALIDAD DE GÉNERO Y RAZA EN LA FORMACIÓN EN CIENCIAS HUMANAS

RESUMEN: El presente trabajo es el resultado de la difusión de la acción docente denominada PrETeando orientada a discutir temas sobre Psicología Negra y antirracista, Género y Raza, en el Programa de Educación Tutorial (PET) Psicología: Conexão de Saberes, de la Universidad Federal de Grandes

¹ (PET) Psicologia: Conexão de Saberes, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: pamelastaliano@ufgd.edu.br

² (PET) Psicologia: Conexão de Saberes, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: ana.souza079@academico.ufgd.edu.br

³ (PET) Psicologia: Conexão de Saberes, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: cleverton.arruda491@academico.ufgd.edu.br

⁴ (PET) Psicologia: Conexão de Saberes, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: mariani.dantas071@academico.ufgd.edu.br

Dourados (UFGD). Los debates se desarrollaron de manera presencial, a lo largo del primer semestre académico de 2024, apoyados en recursos audiovisuales y textos científicos de apoyo a los encuentros. Este texto se centra en el análisis de la película "Estrellas más allá del tiempo" a la luz de la perspectiva de Lélia González sobre la interseccionalidad. Los resultados resaltan la importancia de los debates sobre el racismo y el colonialismo para deconstruir las prácticas tradicionales y promover una educación universitaria que valore la diversidad y la igualdad racial. Los hallazgos enfatizan la necesidad de una educación inclusiva y políticas afirmativas para construir una sociedad más justa y equitativa, basando las prácticas profesionales futuras en una psicología antirracista y decolonial.

PALABRAS CLAVE: Descolonialidad; Anti racismo; Psicología; Enseñando; Empoderamiento.

INTRODUÇÃO

No contexto sociopolítico contemporâneo, marcado pela persistência de desigualdades estruturais e pela necessidade premente de enfrentamento do racismo, os estudos sobre raça e suas interseccionalidades emergem como um eixo fundamental para a compreensão e transformação das dinâmicas sociais, como aponta Fanon (2008). Nesse cenário, a formação acadêmica desempenha um papel crucial na orientação de práticas profissionais comprometidas com a equidade e a justiça social.

O PET Psicologia: Conexão de Saberes, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), promove atividades integrando ensino, pesquisa e extensão. Em alinhamento com essas diretrizes, a ação PrETeando foi criada para fomentar discussões e reflexões sobre uma Psicologia Antirracista e Decolonial. Essa ação, que ocorre em formato de grupo de estudos, tem como objetivo ampliar o conhecimento e a conscientização sobre questões raciais e coloniais na prática psicológica, promovendo uma abordagem mais inclusiva e crítica.

O presente trabalho estruturou-se baseado na articulação de dois conceitos centrais: raça/antirracismo e decolonialismo. Fanon argumenta que raça não é uma categoria biológica fixa, mas sim uma criação social que serve para justificar e perpetuar a dominação e a exploração das populações

colonizadas. Assim, o antirracismo transcende o combate aos preconceitos individuais, abrangendo a desestruturação das bases sociais e psicológicas que sustentam a desigualdade racial (Fanon, 2005; Fanon, 2008).

Aníbal Quijano, por sua vez, discorre acerca do pensamento decolonial, argumentando que as estruturas de poder, conhecimento e identidade globais são influenciadas profundamente pelo legado do colonialismo. Ele propõe uma descolonização não apenas das instituições, mas também do conhecimento e das práticas sociais, buscando valorizar as perspectivas e epistemologias dos povos colonizados (Quijano, 2005).

Ademais, em sua abordagem pós-colonial, Fanon propõe a rejeição das hierarquias coloniais em favor da criação de novos modos de ser e conhecer que valorizem as culturas e identidades marginalizadas (Fanon, 2005; Fanon, 2008). O autor enfatiza a necessidade de uma resistência ativa e consciente contra essas estruturas, promovendo a emancipação dos povos oprimidos através de uma conscientização crítica e de ações transformadoras.

Nesse contexto, a segregação racial é entendida como a separação física e social das populações com base em características raciais, perpetuada por práticas discriminatórias e políticas excludentes. Gonzalez (1988) argumenta que essa segregação vai além da mera separação física, englobando também uma marginalização cultural e social que reforça a exclusão e a desigualdade.

O conceito de interseccionalidade, também explorado durante as discussões, de acordo com Gonzalez (2020), refere-se à análise das múltiplas e simultâneas formas de opressão que se entrecruzam, como raça, gênero e classe, proporcionando uma compreensão mais complexa das experiências de discriminação e marginalização. Essa abordagem é essencial para o PrETeando, pois permite que as discussões abranjam as diversas camadas de opressão que afetam os sujeitos.

Conforme discutido por Collins (2019), o conceito de empoderamento, envolve a compreensão das estruturas de opressão e a criação de espaços onde as vozes e experiências das mulheres negras são valorizadas e centrais. A autora argumenta que o empoderamento é um processo político e social que desafia as injustiças estruturais e promove a conscientização crítica, capacitando as mulheres negras a lutar contra o racismo e o sexismo.

Angela Davis, em suas obras, define políticas e ações afirmativas como medidas cruciais para corrigir desigualdades históricas e estruturais que marginalizam grupos específicos. Ela argumenta que essas políticas são fundamentais para redistribuir oportunidades e recursos, devendo ser entendidas como parte de uma luta mais ampla por justiça social. Davis destaca que o objetivo dessas ações vai além da simples inclusão econômica, buscando transformar as estruturas sociais que perpetuam discriminação e desigualdade (Davis, 2016; Davis, 2018).

A criação do PrETeando se fundamenta na necessidade urgente de confrontar as estruturas de opressão racial presentes nas esferas acadêmicas, profissionais e sociais. A universidade, como um espaço privilegiado para a construção do conhecimento e a promoção da transformação social, deve ser um ponto de convergência para reflexões críticas e práticas antirracistas, articulando teoria e prática em prol de uma sociedade mais justa e inclusiva (hooks, 2017).

Assim, o PrETeando se apresenta como uma iniciativa essencial para a construção de uma Psicologia e Ciências Humanas verdadeiramente antirracistas, comprometidas com a transformação social e a promoção da justiça racial. A ação busca não apenas problematizar as questões raciais, mas também promover ações concretas de enfrentamento do racismo e de promoção da equidade racial dentro e fora do ambiente acadêmico (Davis, 2018).

Neste sentido, o objetivo deste trabalho consiste em visibilizar as discussões do grupo na ação de ensino PrETeando, bem como, discutir as estratégias utilizadas para promover uma formação acadêmica antirracista e decolonial.

MÉTODO

A iniciativa PrETeando tem sido realizada desde 2021 como ação contínua do PET - Psicologia: Conexão de Saberes, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com o objetivo de estimular uma reflexão sobre uma Psicologia Preta e Antirracista, em alinhamento com as diretrizes do MOB-PET. Essa ação acontece ao longo do ano, baseando-se nas sugestões dos participantes, que escolhem obras de autores negros para discussão.

Além de artigos acadêmicos, o grupo também utiliza recursos audiovisuais, como filmes, séries e documentários para enriquecer o debate.

Ao longo dos anos, a iniciativa discutiu diversas obras de diferentes fontes artísticas, como por exemplo: o documentário “Negritudes Brasileiras”, da autora Nátaly Neri, o livro “Torto Arado”, do autor Itamar Vieira Junior, a minissérie “Olhos que condenam”, de Ava DuVernay, o livro “O que é Racismo Estrutural?”, de Silvio Almeida. Para esta edição, as obras escolhidas foram: os artigos “Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil” (Oliveira, 2020) e “Origens da Segregação Racial no Brasil” (Oliveira; Oliveira, 2015), e o filme “Estrelas Além do Tempo” (2016).

Este relato consiste em um estudo descritivo que visa expor as vivências dos petianos. A experiência descrita ocorreu no primeiro semestre de 2024, no formato de roda de conversa, na modalidade presencial.

Os membros do grupo participaram da discussão, formando um ambiente diversificado em termos de vivências. Durante a roda de conversa, todos os membros do grupo foram incentivados a compartilhar suas perspectivas, que foram registradas e, posteriormente, analisadas a partir de uma abordagem descritiva e exploratória, orientada pela técnica da análise de conteúdo propostos por Bardin (2008), a partir dos seguintes passos: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos dados, inferência e interpretação.

Assim, a partir das temáticas centrais da discussão, foram elencadas as seguintes categorias que orientaram a discussão dos dados:

- a) No tema da **segregação racial**, foi possível examinar os conceitos apresentados por Oliveira em 2020 em sua pesquisa e conectá-los com a vivência das personagens do filme analisado;
- b) A abordagem da **interseccionalidade** foi motivada pela vontade de investigar como a tríplice opressão (gênero, classe e raça) foi representada no filme, e como seu impacto foi percebido pelos participantes da pesquisa;
- c) Ao escolher o **empoderamento** como foco, o objetivo foi estabelecer conexões entre a produção artística, os textos fundamentais indicados para auxiliar na discussão do filme e a missão do PET de capacitar seus membros e a sociedade por meio de suas ações;

d) Considerando a importância de implementar as ideias e reflexões geradas no âmbito da ação, tornou-se essencial abordar neste relato as **políticas públicas e ações afirmativas**.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação deste item está estruturada da seguinte forma: inicialmente, se apresenta a obra elencada para discussão, com a caracterização das personagens, o que se torna fundamental para o entendimento subsequente das categorias elencadas: “Estrelas além do tempo” e o recorte da segregação racial; A interseccionalidade e a vivência das mulheres negras; O empoderamento da mulher negra; Políticas e ações afirmativas como mecanismo de combate às discriminações raciais, sociais e de gênero.

A obra audiovisual “Estrelas Além do Tempo” (2016) foi dirigida e escrita pelo cineasta e roteirista estadunidense Theodore Melf. Ambientado no contexto de 1960 nos Estados Unidos, o longa-metragem conta a história de três cientistas afro-americanas que trabalharam na *National Aeronautics and Space Administration* - NASA. A década de 60 foi marcada pela Guerra Fria, momento este em que Estados Unidos e União Soviética disputavam poder em diferentes âmbitos, entre eles o espacial, pois segundo Lambaki,

o espaço era a nova fronteira para a exibição de prestígio nacional e poderio. Os EUA e a URSS demonstravam sua liderança às outras nações fazendo a guerra da propaganda, ostentando sua superioridade tecnológica e militar, expondo a grandeza e a excelência inerentes a seus respectivos regimes, o liberal democrático e o comunista (Lambaki 2001 *apud* Monserrat Filho; Salin, 2003, p. 261).

Em um contexto marcado pela segregação racial se constrói a biografia das três protagonistas do longa, sendo uma delas Dorothy Vaughan, nascida em 1910, a matemática e programadora advinda do Texas, durante a Segunda Guerra Mundial, passou a trabalhar no laboratório Aeronáutico do *Memorial Langley*. Mary Jackson por sua vez, era formada em matemática e Ciências Físicas, nascida em 1921; no ano de 1951 foi contratada para a equipe de Vaughan no Centro de Pesquisa.

Por fim, a terceira protagonista é Katherine Johnson, sua história teve início em 1918, também na Virgínia, vista como uma criança prodígio durante seus estudos, formou-se com honras em matemática, no ano de 1953. Iniciou o trabalho no mesmo grupo das outras duas protagonistas e após alguns meses foi designada para o *Space Task Group*, sendo então a responsável pelos cálculos da missão *Friendship 7* e, posteriormente, parte da equipe da missão *Apollo 11*.

“Estrelas além do tempo” e o recorte da segregação racial

Durante toda a narrativa da obra e as vivências das cientistas retratadas, destaca-se o marcador contextual da segregação racial. Esse aspecto foi um tema relevante durante a discussão em grupo, podendo ser interpretado sob uma ótica sociológica, representando a exclusão forçada de um grupo, afastando-o do grupo majoritário, mediante discriminação racial (Gonzalez, 2020).

Somente após a implementação da Ordem Executiva 8802, assinada pelo presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, em 1941, que proibia a discriminação racial na indústria de defesa do país, é que as protagonistas do filme conseguiram ser contratadas para trabalhar na NASA. No entanto, as principais personagens do filme foram designadas para atuar na Unidade Computacional da Área Oeste, composta exclusivamente por mulheres negras, mantendo-se separadas dos outros membros da equipe.

Gonzalez (2020) destaca que o racismo estrutural,

[...] organiza nossa sociedade perpetua a segregação racial ao garantir que os espaços de poder e privilégio sejam ocupados predominantemente por brancos, enquanto as populações negras são relegadas aos espaços subalternos (Gonzalez, 2020, p. 89).

No decorrer da conversa em grupo, ao tomar a história de Dorothy Vaughan como fonte de inspiração, sendo ela uma das figuras fundamentais do filme que lutou tanto contra a discriminação racial que limitava suas oportunidades na NASA quanto contra os estereótipos de gênero que

dificultavam seu progresso e ascensão profissional, foi possível analisar como cada personagem recorreu a diferentes estratégias para enfrentar um ambiente hostil.

A trajetória de Dorothy, que trilhou um caminho de aprendizado autodidata para se especializar em FORTRAN, uma linguagem de programação inovadora naquela época, destaca sua determinação e resistência ao superar os desafios impostos pela segregação racial.

A INTERSECCIONALIDADE E A VIVÊNCIA DAS MULHERES NEGRAS

A discussão também se aprofundou na vivência e sofrimento interseccional das protagonistas da obra audiovisual. O conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), refere-se às múltiplas camadas de opressão e discriminação que indivíduos podem enfrentar simultaneamente, especialmente quando suas identidades se intersectam de maneira que aumentam sua vulnerabilidade.

No caso de Dorothy Vaughan, Mary Jackson e Katherine Johnson, suas experiências não se restringiam apenas ao racismo institucional, mas também ao sexismo. Essas mulheres enfrentavam uma dupla discriminação por serem negras e mulheres em um campo dominado por homens brancos (Gonzalez, 2020).

Gonzalez (2020) aponta que "a mulher negra tem de enfrentar o racismo e o sexismo ao mesmo tempo, o que a coloca numa situação de desvantagem dupla em relação às mulheres brancas e aos homens negros". (p. 145). A dupla opressão dificultava ainda mais sua luta por reconhecimento e igualdade. Ainda segundo Gonzalez:

A vivência interseccional das mulheres negras evidencia como o racismo e o sexismo estão entrelaçados, afetando suas oportunidades e direitos de maneira específica e complexa (Gonzalez, 2020, p. 60).

No que tange a vivência de Mary Jackson, tornou-se visível por meio das discussões e à luz da bibliografia proposta para o encontro do PrETeando, como a educação foi um instrumento crucial na luta contra as barreiras impostas pelo racismo e sexismo. Destaca-se a forma como a personagem

lutou para se tornar a primeira engenheira negra da NASA. Para obter a certificação necessária, Jackson teve que buscar permissão para estudar em uma escola segregada que não aceitava mulheres negras.

A narrativa supramencionada reflete as dificuldades enfrentadas por muitas mulheres negras em busca de educação, e revela os desafios constantes que precisam superar para se manterem nesses ambientes. Como posto pela personagem: "todas as vezes que temos a chance de avançar, eles mudam a linha de chegada" (Jackson, "Estrelas Além do Tempo"), reflexo da intersecção entre racismo e sexismo.

Katherine Johnson, cuja precisão matemática foi essencial para o sucesso da missão Apollo 11, precisou continuar provando seu valor em um ambiente onde suas habilidades eram frequentemente questionadas devido a sua raça e gênero. Embora seus cálculos fossem essenciais, ela foi inicialmente tratada como uma assistente em vez de uma cientista de pleno direito, lutando por reconhecimento enquanto enfrentava discriminação diária. Sua determinação em desafiar esses preconceitos e seu eventual sucesso ilustra a força necessária para superar a opressão interseccional.

A vivência das protagonistas de "Estrelas Além do Tempo" ressoou profundamente entre os participantes da roda de conversa, especialmente entre aqueles que também enfrentam discriminação interseccional em suas vidas diárias. A discussão revisitou a necessidade de refletir e abordar essas múltiplas formas de opressão para promover uma verdadeira inclusão e equidade.

O reconhecimento das contribuições dessas mulheres não deve ser apenas um ato de justiça histórica, mas também um passo para garantir que futuras gerações de mulheres negras tenham oportunidades justas de demonstrar seu talento sem serem prejudicadas por preconceitos raciais e de gênero.

O EMPODERAMENTO DA MULHER NEGRA

Durante a roda de conversa, destacou-se a resiliência das personagens principais, mulheres que, além de enfrentarem barreiras raciais, também tiveram que superar os obstáculos impostos pelo sexismo. Em uma

sociedade onde ser mulher já era um desafio, ser uma mulher negra significava enfrentar uma marginalização ainda mais profunda.

A trajetória dessas cientistas na NASA exemplifica a luta por um espaço onde suas capacidades e contribuições fossem valorizadas sem o filtro da discriminação racial e de gênero. Como Collins aponta, “a autoafirmação é um ato de resistência contra a opressão; é uma forma de declarar a si mesma como digna, poderosa e merecedora de justiça e respeito” (2019, p. 135).

Dorothy, além de ter aprendido a programação FORTRAN, como já foi mencionado, também ensinou suas colegas de trabalho, demonstrando a relevância de incentivar o progresso coletivo de uma classe. Sendo este um ponto elencado nas discussões, a importância da mulher negra enquanto indivíduo e coletivo, de ser empoderada através da educação e dessa forma empoderar outras, construindo assim uma rede de promoção de mudanças. Tais aspectos destacam-se, quando a autora Collins afirma que

[...] para as mulheres negras, o empoderamento é um processo coletivo que requer a construção de comunidades de resistência. Estas comunidades oferecem apoio mútuo e um espaço seguro para a expressão das nossas vozes (2019, p. 112).

Nesse sentido, a educação como forma de empoderamento e possibilidade de mudança foi outro tema central discutido durante a roda de conversa. No filme, vemos como a educação foi fundamental para o desenvolvimento e o sucesso das protagonistas. Dorothy Vaughan, Mary Jackson e Katherine Johnson utilizaram seus conhecimentos e habilidades para superar as barreiras impostas pela segregação racial e pelo sexismo.

A busca constante por aprendizado e a aplicação prática de seus conhecimentos, serviram como ferramentas de empoderamento, permitindo-lhes abrir caminhos não apenas para si mesmas, mas também para futuras gerações de mulheres negras na ciência e na tecnologia (hooks, 2017).

Além da educação formal, o filme destaca a importância de redes de apoio e mecanismos de defesa que as protagonistas utilizam para navegar em um ambiente hostil. Um exemplo notável é quando Mary Jackson recorre a uma estratégia astuta para convencer o juiz a permitir que ela estudasse em uma escola segregada. Ela apela ao ego do juiz, mencionando que ele

poderia ser lembrado como alguém que contribuiu para o avanço da sociedade ao permitir que uma mulher negra estudasse.

Ademais dessa abordagem, Jackson demonstra como a inteligência emocional e a capacidade de leitura do ambiente social podem ser usadas como ferramentas poderosas para superar obstáculos, sendo ainda uma exemplificação do pensamento de Davis (2018, p. 77): "Criar formas de resistência é sobre imaginar e lutar por um mundo diferente, um mundo onde a justiça e a igualdade prevaleçam".

Outra estratégia importante observada no filme é a forma como as protagonistas evitam lamentações e focam em impulsionar umas às outras. Em vez de falar sobre suas fraquezas na presença daqueles que poderiam usar essas informações contra elas, elas se concentram em suas forças e em como podem se apoiar mutuamente. Esse tipo de solidariedade e apoio mútuo é crucial, especialmente em contextos de opressão, onde o isolamento pode facilmente levar à desistência (Davis, 2018).

Ao relacionar essas estratégias com a realidade brasileira, podemos observar que a construção de redes de apoio e a utilização de mecanismos de defesa semelhantes são essenciais para aqueles que enfrentam discriminação e marginalização.

Políticas e ações afirmativas como mecanismo de combate às discriminações raciais, sociais e de gênero

Como supramencionado, a reflexão sobre a interseccionalidade levou o grupo a discutir a importância de criar ambientes de trabalho e sociais que reconheçam e combatam a interseccionalidade da opressão. Políticas afirmativas e ações educativas são fundamentais para construir uma sociedade que não apenas reconheça a contribuição das mulheres negras, mas que também valorize e celebre a diversidade em todas as suas formas.

Concluiu-se que, para promover um verdadeiro ambiente de equidade, é essencial que as iniciativas sejam integradas com uma educação antirracista e visando a transformação estrutural das instituições e da sociedade como um todo.

Angela Davis, em sua obra "Mulheres, Raça e Classe" (2016), salienta que as várias formas de opressão estão interligadas e que a luta por justiça social deve ser abordada de forma interseccional para alcançar a eficácia desejada. Ela argumenta que as mulheres negras desempenham um papel fundamental nesse contexto, pois, sendo profundamente impactadas pelas estruturas capitalistas, desenvolvem uma compreensão abrangente das opressões que afetam os outros grupos.

A abordagem do PrETeando, alinhada com essa visão, demonstra como a educação crítica, as políticas públicas inclusivas e a mobilização comunitária podem contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais equitativa.

Além disso, discutiu-se a importância das políticas e ações afirmativas que visam a criação de ambientes antirracistas e decoloniais. Compreende-se que a decolonialidade,

[...] não é um ato de caridade. É um processo político e cultural que visa restaurar a dignidade e a autonomia dos povos colonizados, rompendo com as estruturas de dominação impostas pelo colonialismo (Fanon, 2005, p. 35).

Tomando como exemplo o contexto brasileiro pós-abolição da escravatura, foi destacado que a mera criação de leis, como a Lei Áurea de 1888, não é suficiente para promover a equidade sem uma base sólida de educação e conscientização antirracista.

A obra "Origens da Segregação Racial no Brasil" (Oliveira; Oliveira, 2015), aponta que a Lei Áurea simplesmente declarou a abolição da escravidão sem implementar medidas adequadas para integrar a população negra na sociedade de maneira equitativa, o que resultou na perpetuação de desigualdades sociais e econômicas.

O mito da democracia racial é uma das consequências do racismo, herdado sob a ideologia do branqueamento, o qual procura formas de produzir a negação de uma raça. Segundo Gonzalez:

Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos dos estilhaçamentos, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (limpar o sangue, como se diz no Brasil) é internalizado, com a

simultânea negação da própria raça, da própria cultura (Gonzalez, 2020, p. 119).

A partir disso, podemos perceber como o mito da democracia racial tem se perdurado ao longo dos anos no Brasil (Oliveira, 2020). Essa perspectiva crítica é fundamental para entender a importância de ações afirmativas que vão além da legislação e promovem uma verdadeira inclusão social.

A discussão do grupo também abordou como essas políticas podem ser implementadas em contextos contemporâneos para garantir a equidade racial e de gênero. Foram citados exemplos de ações afirmativas no Brasil, como a implementação de cotas raciais em universidades e concursos públicos, que têm sido eficazes em aumentar a representação de grupos historicamente marginalizados (Fanon, 2005). No entanto, também foi ressaltada a necessidade de monitoramento contínuo e avaliação dessas políticas para assegurar que elas cumpram seus objetivos de maneira eficaz e justa.

No que tange a realidade brasileira, a educação continua sendo uma das formas mais eficazes de empoderamento e transformação social. No Brasil, iniciativas como as cotas raciais em universidades e políticas de inclusão educacional têm demonstrado resultados positivos, proporcionando oportunidades para grupos historicamente marginalizados e promovendo uma maior diversidade no ambiente acadêmico e profissional.

No entanto, é crucial que essas políticas sejam acompanhadas por programas de apoio e desenvolvimento contínuo, garantindo que os beneficiários tenham os recursos necessários para superar os desafios acadêmicos e sociais que possam enfrentar.

No Brasil, movimentos sociais e coletivos organizados têm desempenhado um papel fundamental na criação de espaços de apoio e resistência para as comunidades marginalizadas. Esses grupos oferecem não apenas um espaço para compartilhamento de experiências e fortalecimento mútuo, mas também atuam como plataformas para a educação política e a mobilização social (Fanon, 2008).

Por exemplo, organizações como o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Coletivo Negro têm trabalhado incansavelmente para promover a

igualdade racial e combater o racismo estrutural no Brasil. Essas iniciativas são cruciais para a criação de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos os indivíduos têm a oportunidade de realizar seu potencial pleno, independentemente de sua raça ou gênero.

Para promover um verdadeiro ambiente de equidade no Brasil, é essencial que as políticas afirmativas e as ações educativas sejam integradas com uma abordagem interseccional que reconheça as múltiplas formas de opressão que diferentes grupos enfrentam. Isso inclui a implementação de programas de mentoria, apoio psicológico e desenvolvimento de habilidades, que não apenas preparem os indivíduos para o mercado de trabalho, mas também os capacitem a navegar e transformar os sistemas que perpetuam a desigualdade (Oliveira; Oliveira, 2015).

Além disso, a educação deve ser vista como um processo contínuo e abrangente, que vai além das paredes da sala de aula. Isso significa promover uma cultura de aprendizagem ao longo da vida, onde as pessoas são encorajadas a buscar conhecimento e desenvolvimento pessoal em todas as etapas de suas vidas. Programas comunitários, oficinas de capacitação e iniciativas de aprendizagem digital são algumas das maneiras pelas quais a educação pode ser expandida para alcançar um público mais amplo e diversificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, destacou-se a importância da educação como um meio de empoderamento e mudança social, bem como a relevância das redes de apoio e dos mecanismos de defesa em contextos de opressões interseccionais. Ao refletir sobre as temáticas supracitadas, e aplicá-las à realidade brasileira, fica evidente que a combinação de políticas afirmativas, educação inclusiva e ações comunitárias são fundamentais para promover uma sociedade mais justa e equitativa.

Destarte, ficou evidente a importância de uma reflexão contínua sobre a segregação racial. A obra audiovisual mencionada neste relato possibilitou aos participantes da ação compreenderem quão crucial foi a percepção da segregação para as transformações ocorridas no decorrer da narrativa.

Ademais, diante das discussões supramencionadas, destaca-se a importância do pensamento interseccional, diante da vivência de mulheres negras, as quais vivenciam dupla opressão. Nesse contexto, entendeu-se que o empoderamento é uma eficaz ferramenta de enfrentamento dessas opressões impostas socialmente às mulheres negras.

A luta por reconhecimento e igualdade é contínua, e cada passo dado em direção à equidade e à justiça social representa um avanço significativo para toda a sociedade. Portanto, após as discussões, espera-se com a apropriação destes termos, sustentar a formação e postura crítica dos petianos.

Por fim, compreende-se que a realização do presente trabalho possibilitou a reflexão da relação entre as diretrizes do Programa de Educação Tutorial - PET, com o compromisso social da Psicologia previsto em seu Código de Ética de ser protagonista em debates sociais, visando uma prática antirracista e decolonial.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Programa de Educação Tutorial. **Manual de Orientações Básicas do Programa de Educação Tutorial (PET)**. Brasília, DF, 2014.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. Boitempo, 2018.
- ESTRELAS ALÉM DO TEMPO**. Direção de Theodore Melfi. Los Angeles: 20th Century Fox, 2016. 1 vídeo. (127 min.)
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. **"A categoria político-cultural de amefricanidade"**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

Crenshaw, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Rev. Estudos Feministas, v. 10, n. 172, p. 171-188, 2002.

MONSERRAT FILHO, José; SALIN, Patrício. **O Direito Espacial e as hegemonias mundiais**. Estudos Avançados, v. 17, n. 47, p. 261-271, jan, 2003.

OLIVEIRA, Ana. **Lélia Gonzalez e o pensamento interseccional: uma reflexão sobre o mito da democracia racial no Brasil**. INTERRITÓRIOS, 2020

OLIVEIRA, Reinaldo, José; OLIVEIRA, Regina. **Origens da segregação racial no Brasil**. In: Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/alhim/5191>. Acesso em: 20 de jun de 2024.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.